

## Colonização e Identidade: O caso da Maripá\*

..... Marcos Nestor Stein\*\*

### R e s u m o

A partir da década de 1940, a região do Extremo Oeste do Estado do Paraná foi palco de uma ocupação planejada e executada por uma Empresa privada. Esse empreendimento tinha um caráter étnico-cultural-econômico que consistia na venda dos lotes somente para determinados grupos étnicos, no caso os descendentes de imigrantes italianos e alemães. Para tanto elaborou-se um Plano de Ação, documento que descrevia os objetivos da referida Empresa, procurando legitimar a escolha desse grupo humano.

Palavras-Chave: colonização, identidade, discurso.

### A b s t r a c t

Since the 1940's, the region of the Extreme-West of the state of Paraná was a stage of a planned occupation and executed for a private enterprise. This undertaking had an ethnic-cultural-economical character that consisted on selling the lots only for determinate ethnic group, in this case the descendants of Italian and German immigrants. For that, it was elaborated a Plan of Action, document that described the objectives of the reported enterprise, trying to legitimate the choice of this human group.

Key words: colonization - identity - discourse.

A problemática da identidade cultural, entendida, não como algo dado, pronto, mas como construção simbólica, é motivo de esforços de pesquisadores das diferentes áreas das ciências humanas, buscando compreender os mecanismos, as estratégias, os discursos, sob os quais os grupos humanos se concebem como grupos homogêneos.

Destarte, o presente texto, resultado parcial da pesquisa em andamento intitulada Análise do Discurso da Germanidade em Marechal Cândido Rondon, pretende analisar os discursos produzidos pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. - MARIPÁ - quando, em 1946, adquiriu e iniciou o processo de colonização das terras da antiga Fazenda Britânia,<sup>1</sup> situada no Extremo Oeste do Estado do Paraná, local onde se localiza a referida cidade. Trata-se, portanto, de um olhar que procura perceber

\* Trabalho apresentado sob a forma de comunicação no VII encontro Estadual de História, realizado de 14 a 17 de setembro de 1998 na Universidade Federal de Santa Catarina

\*\* Marcos Nestor Stein é licenciado em História pela UNIOESTE Campus de Marechal Cândido Rondon PR. Ingresso no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em 1998. Professor Orientador Dr. João Klug.

<sup>1</sup>. "A Fazenda Britânia tem a forma de um retângulo quase perfeito, margeando o rio Paraná entre a foz do rio São Francisco e a do rio Guaçu e penetrando para leste numa linha de aproximadamente 78.5 Km, com uma área total de aproximadamente 27.474Km²." In: SILVA Oscar (et al). **Toledo e sua História**. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988. p. 33,

como a referida Empresa, através dos discursos presentes no seu Plano de Ação, caracteriza o grupo humano escolhido para ocupar essa área.

Cabe mencionar que a ocupação dessas terras vinha ao encontro do discurso do governo federal de se “nacionalizar as fronteiras,” pois a região Oeste do Paraná era ocupada por empresas de capital estrangeiro, inglês e argentino, que utilizavam como mão-de-obra índios e mestiços denominados mensus. Essas empresas, mais conhecidas como Obrages, dedicavam-se sobretudo à extração de erva-mate e de madeira.<sup>2</sup>

Nessa nacionalização das fronteiras pode-se perceber um certo interesse do próprio presidente Getúlio Vargas em ampliar sua base eleitoral através da migração de indivíduos vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, bem como a intenção de preencher “vazios demográficos” e construir a nacionalidade.

Essa intenção do governo federal em “nacionalizar as fronteiras” pode ser percebida já no ano de 1937, quando inseriu na constituição o artigo 165, obrigando as Empresas situadas nas regiões de fronteiras a empregarem indivíduos de origem nacional. Fator que prejudicou ainda mais os negócios dessas empresas, que começavam sofrer a concorrência da erva mate produzida na Argentina.<sup>3</sup>

Ruy Wachowicz afirma que “... pretendia-se criar na região da fronteira guarani um território federal. Era o pensamento do grupo liderado por Getúlio Vargas aglutinar as terras do Oeste de Santa Catarina, Sudoeste e Oeste do Paraná e formar uma nova unidade da federação.”<sup>4</sup>

Junto a isso, havia o interesse de grupos de empresários do Rio Grande do Sul que, com o apoio do governo federal, queriam essa área para realizarem negócios imobiliários e “(...) paralelamente escoar para a região o excesso de mão-de-obra já detectada no Rio Grande do Sul (...)”<sup>5</sup>

Assim, a MARIPÁ, criada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1946, tendo como maiores acionistas Alfredo Paschoal Ruaro, Curt Bercht, Alberto Dalcanale, Otto Reginaldo Renaux e Willy Barth, adquiriu essas terras da Companhia Maderas del Alto Paraná e iniciou o processo de colonização. A MARIPÁ tinha como principais finalidades a compra e venda de terras, extração, beneficiamento e exportação de madeira.<sup>6</sup>

Até 1949, a direção desta Empresa permaneceu com Alfredo Paschoal Ruaro. A partir desta data, o cargo passa a ser ocupado por Willy Barth e Egon Bercht. Estes encarregaram

---

<sup>2</sup>. Mensus eram índios e mestiços que trabalhavam nas empresas extrativistas da referida região e recebiam seus ordenados por mês, geralmente em alimentos. Por extensão da terminologia adotada em território argentino, as mesmas propriedades ou concessões em território brasileiro também foram denominadas Obrages, que significa originalmente local onde se trabalha manualmente. Ver: WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageros Mensus e Colonos. História do Oeste Paranaense**. 2ª edição. Curitiba: Vicentina, 1987.

<sup>3</sup>. Idem p. 151

<sup>4</sup>. WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná**. 6ª edição. Curitiba: Vicentina, 1988, p. 237

<sup>5</sup>. Idem p. 237

<sup>6</sup>. SILVA, Oscar (et al). op. cit., p. 57-8

o contador Ondy Hélio Niederauer para elaborar um Plano de Ação, documento que descrevia os objetivos da Empresa para a região, ou seja, a divisão das terras em lotes de 25 hectares, produção baseada na policultura com uso de mão-de-obra familiar, escoamento da produção, industrialização e, principalmente, a escolha do grupo humano para quem seriam vendidos os lotes.<sup>7</sup>

A realização dos quatro primeiros objetivos, segundo a Empresa, só teria sucesso com a escolha do “elemento humano” apropriado. Assim, produziu-se um discurso que procurava legitimar, dar um caráter científico e racional para a escolha.

*“Todo o capital a fim de produzir um rendimento precisa-se fazer-se acompanhar de mão-de-obra (...) no presente caso, o capital está representado pelo vasto e ondulante tapete de mata. O trabalho, pelo homem que realizará a transformação destas matas em núcleos de civilização e centros produtores. Sabe-se, porém que, a fim de conseguir um produto bom, (...) é indispensável que a mão-de-obra seja esmerada(...)”<sup>8</sup>*

O discurso nos mostra um modelo pensado sobre observações empíricas realizadas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, lugares de origem dos diretores da MARIPÁ e onde alguns deles já haviam realizado semelhante empreendimento.<sup>9</sup> Podemos associar este modelo pensado ao que Max Weber denomina “quadro ideal de eventos,” onde o cientista ou pesquisador elabora uma construção teórica que obedece uma seqüência lógica e racional pois “(...) pelo seu conteúdo, essa construção reveste-se de uma utopia, obtida mediante a acentuação mental de determinados elementos da realidade (...)”<sup>10</sup>

É Ondy Niederauer, no caso que, ao elaborar o Plano de Ação constrói imagens e sujeitos, os “tipos ideais” que deverão ocupar esse espaço geográfico, selecionando certas características da cultura do grupo escolhido e as reunindo num quadro ideal hegemônico.

O conceito “produto bom,” acima referido, não se destina apenas à materialidade, ao lucro, mas também à civilização, que só poderia ser alcançada utilizando-se de um instrumento adequado, no caso mão-de-obra qualificada. Esta seria constituída pelos descendentes de imigrantes italianos e alemães, pois:

*“... Esse agricultor, descendente de imigrantes italianos e alemães, com mais de cem anos de aclimação no país, conhecedor das nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operosidade e pelo seu amor a terra em que trabalha, seria, portanto, o elemento humano predestinado a realizar grande parte desta tarefa(...)”<sup>11</sup>*

7. Ver NIEDERAUER, Ondy Hélio. **Plano de Ação da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A.** Toledo: 1955

8. Idem p. 02

9. Willy Barth e Alberto Dalcanale já haviam realizado semelhante empreendimento em São Miguel do Oeste - SC - à frente da Empresa Anoni e Barth. SILVA, Oscar (et al). Op. cit., p. 82

10. COHN, Gabriel. (org.) **Weber Sociologia**. 4ª ed. São Paulo: Atica, 1989, p. 105.

11. NIEDERAUER, Ondy Hélio. op. cit., p. 04

Este modelo de colonização a ser empreendido, além de associar o tipo de agricultura com o “elemento humano” considerado mais apto para desenvolvê-la, também esforça-se para construir esse sujeito utilizando elementos discursivos e práticas presentes nos lugares de origem desses colonos, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.<sup>12</sup> Esses elementos discursivos sob os quais se constrói esse colono são seu caráter “afeito ao trabalho,” e seu “apego à terra.” Portanto, uma certa “predestinação” é inerente aos descendentes de italianos e alemães, que já demonstraram isso em seus lugares de origem. Daí o Plano de Ação também apresentar os colonos descendentes de alemães e italianos como sujeitos “iluminados” que, através de seu caráter “laborioso e ordeiro,” com uma ascensão garantida revelariam, em certa medida, uma “predestinação” ao sucesso.

A divisão das terras em lotes de 25 hectares se adequava, portanto, ao sistema familiar existente nas regiões de origem desses migrantes. Assim, ao invés de indivíduos isolados, vieram famílias inteiras, o que, pode-se dizer, contribuiu para a constituição de uma identidade cultural na região.

Esses discursos que demonstram a construção dessa identidade cultural podem ser percebidos também em produções historiográficas que, além de apresentarem Alfredo Paschoal Ruaro e Willy Barth como bandeirante e timoneiro, respectivamente, desqualificam os luso-brasileiros ou “pêlo duro” e elegem os sulistas descendentes de alemães e italianos como sujeitos destinados a realizarem essa tarefa, “... aos quais o destino reservava a capacidade, o direito e a incumbência de colonizar cientificamente o Oeste do Paraná.”<sup>13</sup>

Percebe-se que esses discursos encontram legitimidade, respaldo, junto à historiografia que, ao classificar, descrever, como fala autorizada, produz efeitos sociais, pois

*“(...) as lutas em torno da identidade étnica ou regional (...) constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, de fazer e desfazer os grupos. (...)”<sup>14</sup>*

Aliás, a própria empresa apoiou um estudo realizado no ano de 1956, pelo antropólogo Kalervo Oberg e pelo estatístico Thomas Jabine. Estes produziram o relatório intitulado “Toledo um Município do Oeste do Paraná,” no qual, baseados principalmente em entrevistas realizadas com moradores da região e relatórios fornecidos pela empresa colonizadora, os referidos pesquisadores procuraram, lançando mão de tabelas e gráficos, descrever o “padrão de colonização” empregado nessa área. Trabalho este que se constitui num valioso manancial para pesquisadores da história regional devido à quantidade de dados coletados junto aos primeiros colonos.

<sup>12</sup>. Para uma melhor compreensão de como o trabalho é utilizado pelos descendentes de alemães como referência identificatória, consultar SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

<sup>13</sup>. SILVA, Oscar (et al). op. cit. p. 12

<sup>14</sup>. BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas Linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 108.

Contudo, esse estudo também se esforça em apresentar o grupo escolhido como o mais adequado, porque *"conservaram as tradições de trabalho árduo, frugalidade e agricultura como meio de vida,"* em oposição aos "outros" descritos como "aventureiros e parasitas."<sup>15</sup>

Estas descrições que, novamente lembrando Pierre Bourdieu, atuam também como prescrições, dotadas de um caráter que se pretende científico, são permeadas por representações acerca do grupo humano a ser escolhido e, também, sobre os excluídos, os "outros," aqueles que não deveriam participar desse processo. Ou seja, junto aos discursos que constroem sujeitos com características positivas do grupo escolhido, temos discursos que constroem sujeitos com características negativas, justificando a sua não inclusão no processo de colonização e reafirmando a preferência dada aos primeiros.

*"Decidida esta parte, a da procedência do elemento humano a ser escolhido como o mais indicado, fazia-se, ainda, necessário tentar realizar uma seleção escolhendo se possível, os homens de maior valor produtivo. (...) Como se sabe uma ruidosa propaganda em torno de um local novo, a exemplo do que ocorreu em outros lugares, atrairia elevado número de indivíduos aventureiros que nela entreveriam um meio de vida fácil às suas atividades desonestas. (...)"*<sup>16</sup>

Por conseguinte, essas construções discursivas são elaboradas também com relação ao "outro," o indesejável. Esses "elementos" não aptos seriam os colonos, também descendentes de europeus, ucranianos e poloneses, que habitavam a região Sul do Paraná, os indivíduos da frente "nortista" que avançavam no Norte do Paraná com a expansão cafeeira e os denominados caboclos que habitavam o interior do Estado.<sup>17</sup>

A propaganda foi, portanto, direcionada somente àqueles "elementos" cujas etnias eram as pretendidas pela empresa. Para isso, os diretores da MARIPÁ procuraram contactar com comerciantes e agricultores "de projeção" para que estes escolhessem os agricultores para quem seriam vendidos os lotes.<sup>18</sup>

A propaganda escrita se restringiu a folhetos impressos, distribuídos nas localidades dos dois Estados do Sul onde viviam os colonos que a Empresa almejava. Essa forma de propaganda apresentava a região a ser colonizada como uma terra livre de "morros, pedras e formigas, rica em águas e fértil," além de garantias quanto à situação legal das terras.<sup>19</sup>

<sup>15</sup>. OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. **Toledo. Um Município da Fronteira Oeste do Paraná.** Estudos nº 03. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960. p. 28

<sup>16</sup>. NIEDERAUER, Ondy Hélio. op. cit., p.12

<sup>17</sup>. WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageros...** op. cit., p. 175

<sup>18</sup>. OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. op. cit., p. 28

<sup>19</sup>. A garantia quanto à situação das terras foi um fator importante na decisão do colono na escolha da área e da Empresa com quem faria o negócio, contudo vários conflitos ocorreram no sudoeste e oeste paranaense, principalmente nas terras pertencentes à família Matte, próximo onde hoje se localiza a cidade de Foz do Iguaçu. Ver WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageros...** op. cit., p. 162

Vale salientar que os próprios diretores faziam parte desse grupo étnico. Percebe-se então que o discurso, de certa forma, "traí" seu produtor, pois ao elaborá-lo, construindo um sujeito, ou nas palavras de Max Weber, um "tipo ideal," apto para "levar a civilização" à região, os diretores também estão se construindo como membros desse "tipo ideal." Ou seja, os empresários não estão somente elaborando discursos sobre outro, mas também para si, inserindo-se nesse grupo a quem eles denominam de "operosos" e "esmerados," constituindo assim uma identidade cultural no Extremo Oeste do Paraná.

... a identidade esta parte a da produção do elemento humano a ser escolhido como o mais adequado, para se atingir, necessário para realizar uma seleção escolhida se possível os pontos de maior produtividade (...). Como se sabe, uma empresa produtora em torno de um local novo, a exemplo do que ocorreu em outros lugares, atraiu elevado número de indivíduos estrangeiros que nela desenvolveram um modo de vida fácil de suas atividades domésticas (...).<sup>16</sup>

... foi conseguida, essas construções discursivas são elaboradas também em relação ao "outro", o indesejável. Esses "elementos" não apenas seriam os colonos também descendentes de europeus nortistas e poloneses que habitavam a região sul do Paraná, os indivíduos da frente "nortista" que avançavam no Norte do Paraná com a expansão caçateia e os denominados capobos que habitavam o interior do Estado.<sup>17</sup>

A propaganda foi portanto, desenvolvida somente através "elementos", cujas etnias eram as pretendidas pela empresa. Para isso, os diretores da MARIPA procuraram contactar com comitantes e arquitetos "de projeção" para que estes escolhessem os colonos para quem seriam vendidos os lotes.<sup>18</sup>

A propaganda escrita se restringiu a folhetos impressos, distribuídos nas localidades e nos barões do sul onde viviam os colonos que a empresa almejava. Além disso, a propaganda apresentada, a região a ser colonizada como uma terra fértil, com boas terras e fazendas, nos em alguns "folhetos", além de garantir o acesso a serviços legais das terras.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> FERREI, Roberto JABINE. *Trabalho e família: o trabalho em família no Extremo Oeste do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1998, p. 12.

<sup>17</sup> RIBEIRO, Eduardo. *Os colonos do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1998, p. 12.

<sup>18</sup> NIEDERBARTH, Ody. *História do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1998, p. 12.

<sup>19</sup> WICHTOWSKY, Rog C. *Operários e colonos*. Curitiba: UFPR, 1998, p. 12.

<sup>20</sup> FERREI, Roberto JABINE. *Trabalho e família: o trabalho em família no Extremo Oeste do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1998, p. 12.

<sup>21</sup> FERREI, Roberto JABINE. *Trabalho e família: o trabalho em família no Extremo Oeste do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1998, p. 12.

<sup>22</sup> FERREI, Roberto JABINE. *Trabalho e família: o trabalho em família no Extremo Oeste do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1998, p. 12.